

Marx e o turco mecânico

Por J. Bradford DeLong

Valor Econômico, 1.4.2014

Bem-vindo à virtual economia do trabalho explorador, em que a maioria de nós está acorrentada a escrivaninhas e monitores - para sempre apenas mais uma entre incontáveis engrenagens do Amazon Mechanical Turk

Certa vez, o economista Suresh Naidu advertiu-me que havia três grandes problemas na economia de Marx. Primeiro, Marx pensava que o aumento nos investimentos e o acúmulo de capital diminuía o valor do trabalho para os empregadores e, portanto, diminuía o poder de barganha dos trabalhadores. Segundo, ele não conseguia compreender integralmente que o aumento no padrão de vida material real da classe trabalhadora podia, muito bem, andar de mãos dadas com o aumento na taxa de exploração - ou seja, com uma participação de renda menor para o trabalho. E, terceiro, Marx estava aferrado à teoria do valor-trabalho.

O segundo e terceiro problemas continuam sendo erros analíticos enormes. Já a crença de Marx de que capital e trabalho eram substitutos, e não complementos - que era um erro em sua época e continuou sendo por mais de cem anos depois dele - talvez hoje não seja mais um erro.

Pense desta maneira. Os seres humanos têm cinco aptidões essenciais, no que se refere ao mundo do trabalho:

- Mover objetos com músculos fortes.
- Manipular objetos refinadamente com músculos fracos.
- Usar as mãos, boca, cérebro, olhos e ouvidos para assegurar que os processos e procedimentos em andamento fluam da maneira que deveriam fluir.
- Empenhar-se na negociação e reciprocidade social para manter-nos no mesmo rumo.
- Pensar em novidades - atividades que produzam algo necessário, conveniente ou luxuoso - para que nós as façamos.

As duas primeiras incluem trabalhos que normalmente vemos como sendo de "colarinho azul". Grande parte das outras três aptidões refere-se a empregos que normalmente vemos como sendo de "colarinho branco".

A chegada da Revolução Industrial - a máquina a vapor para gerar energia e a metalurgia para construir maquinário - reduziram a necessidade de músculos e mãos humanas. Mas ampliou enormemente a necessidade de olhos-ouvidos-cérebros-boca tanto nos empregos de colarinho branco como nos de azul.

Com o tempo, os preços reais das máquinas continuaram a cair. Já os preços reais dos controles cibernéticos necessários para manter as máquinas operando de forma apropriada não caíram, já que cada controle precisava de um cérebro humano e cada cérebro humano exigia um processo de 15 anos de crescimento, ensino e desenvolvimento.

Não há, no entanto, nenhuma "lei de ferro dos salários" determinando que as tecnologias de força e manipulação da matéria avancem mais do que as tecnologias de governança e controle. A direção do progresso tecnológico de hoje rumo para a transferência - dos seres humanos para as máquinas - de partes muito grandes da supervisão de procedimentos e processos atuais.

Quantos de nós podem ser empregados em serviços pessoais e como tais empregos podem ter boa remuneração (em termos absolutos)? A forma otimista de ver isso é que aqueles, como eu, que temem ver a distribuição relativa salarial do futuro como uma fonte de iniquidade e de desequilíbrio colossais, simplesmente, acham isso por não ter capacidade suficiente de imaginação.

Marx não conseguia imaginar como a substituição dos trabalhadores têxteis por teares automáticos poderia resultar em nada além da queda dos salários dos trabalhadores. Afinal, o volume de produção não poderia se expandir o suficiente para que aqueles que perderam seus empregos de tecelão fossem reempregados como vendedores de tapetes ou encarregados de máquinas, poderia?

Sim, poderia, mas o erro de Marx não foi algo novo. Um século antes, os fisiocratas franceses François Quesnay, Robert Turgot e Nicolas de Condorcet não conseguiam imaginar como a participação da força de trabalho francesa empregada na agricultura poderia ficar abaixo de 50% sem criar uma ruína social. Afinal, em um mundo de agricultores genuínos, artesãos, aristocratas dissolutos e lacaios, a demanda por itens manufaturados e por lacaios era limitada por quantos deles os aristocratas podiam precisar. Portanto, um declínio no número de agricultores não resultaria em nada além do que pobreza e mendicância generalizada.

Nem Marx nem os fisiocratas poderiam imaginar a imensidão de tarefas bem remuneradas que iríamos encontrar quando não precisássemos mais empregar 60% da força de trabalho na agricultura e 20% na tecelagem manual e no transporte terrestre via cavalos e carroças. E hoje, a ideia otimista é a de que aqueles com excesso de riqueza vão continuar a pensar em montes de atividades para que os demais tornem suas vidas mais convenientes e luxuosas; e a de que a engenhosidade dos ricos vai superar a oferta de trabalho de pobres e transformar os pobres em classe média.

Tendo em vista o rápido desenvolvimento de tecnologias de governança e controle, no entanto, a análise pessimista merece atenção. Neste cenário, partes da aptidão três continuam teimosamente resistentes à inteligência artificial e continuam extremamente monótonas, enquanto a quatro - empenhar-se em negociação e reciprocidade social - continua limitada. Bem-vindo à virtual economia do trabalho explorador, em que a maioria de nós está acorrentada a escrivatinhas e monitores - para sempre apenas mais uma entre as incontáveis engrenagens do Amazon Mechanical Turk¹. **(Tradução de Sabino Ahumada).**

¹ www.bit.ly/1b0syji